



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS

LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

BENEGLÊCIA ALVES DOS SANTOS

MEDIEVO, RELIGIOSIDADE E TRANSGRESSÃO:

A FIGURA FEMININA NO *MEMORIAL DO CONVENTO* DE JOSÉ SARAMAGO

JOÃO PESSOA/PB

2019

BENEGLÊICIA ALVES DOS SANTOS

Medievo, Religiosidade e Transgressão:

A figura feminina no *Memorial do Convento* de José Saramago

Trabalho para Conclusão do Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção da Licenciatura em Língua
Portuguesa, pelo Curso de Letras da
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof.^a DR^a Ana Cláudia F.
Gualberto.

JOÃO PESSOA, PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237m Santos, Benegleícia Alves Dos.
MEDIEVO, RELIGIOSIDADE E TRANSGRESSÃO: A FIGURA FEMININA
NO MEMORIAL DO CONVENTO DE JOSÉ SARAMAGO / Benegleícia
Alves Dos Santos. - João Pessoa, 2019.
31 f.

Orientação: ANA CLÁUDIA FELIX GUALBERTO.
TCC (Especialização) - UFPB/CCHLA.

1. MULHER, IDADE MÉDIA, TRANSGRESSÃO, SARAMAGO. I.
GUALBERTO, ANA CLÁUDIA FELIX. II. Título.

UFPB/CCHLA

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida: minha vó Benedita Alves (in memoriam), cujo nome carrego uma partícula, minha mãe Ana Glória e a minha filha Emyly, por serem grandes colaboradoras e incentivadoras dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento ao ser superior que rege o universo, Deus. À minha mãe Ana Glória, por sempre ter me dado suporte em tudo, a minha filha Emyly, por ser a minha motivação diária e ao meu companheiro Márcio, por ter suportado meus estresses e preocupações, me ajudando ao longo do processo de realização deste trabalho de conclusão de curso.

Aos meus colegas de trabalho do Centro Universitário de João Pessoa, que me ajudaram e me incentivaram em vários momentos.

Aos meus professores, em especial a professora Dr.^a Ana Cláudia Felix Gualberto, que aceitou me orientar e teve muita paciência com minhas inseguranças, por acreditar quando eu mesma não acreditava.

Por fim, agradeço a Educação Pública e a Universidade Federal da Paraíba, por me fornecerem os instrumentos necessários ao longo do meu processo de formação, possibilitando que eu chegasse ao final desse ciclo com êxito.

RESUMO

O mundo por muito tempo foi regido por uma interpretação a partir de Deus e da Bíblia. No período medieval a figura da mulher foi muito discriminada não só pelo homem, mas pela sociedade e principalmente pela Igreja. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a representação da mulher na obra *Memorial do Convento* de José Saramago, observando a visão cristã no que diz respeito ao lugar das mulheres na sociedade. Analisando o contexto histórico, buscaremos evidenciar como a mentalidade cristã exerceu forte influência sobre a posição da mulher na sociedade em oposição a protagonista da obra, Blimunda. Para isso, abordaremos os temas: religião, casamento, o papel social da mulher na Idade Média e o período inquisitório. Através de algumas afirmações da Bíblia e com base em capítulos de obras e trabalhos científicos de pesquisadores e historiadores como Georges Duby, Burghard Baltrusch, Elizabeth Grosz, Guilhermina Mota, entre outros, faremos uma síntese ao longo do trabalho mostrando que a narrativa religiosa e histórica privilegia sempre o homem. No entanto, a trajetória da personagem Blimunda contrapõe-se a essa narrativa através das suas ações que transitam em sentido oposto dos moldes femininos da época em que se passa a obra *Memorial do Convento*.

Palavras-chave: Mulher, Idade Média, Transgressão, Saramago, Blimunda.

ABSTRACT

For a long time the world was ruled by an interpretation from God and the Bible. In medieval time the image of women was much discriminated not only by men, but also by society and mostly by the Church. The goal of this paper is to reflect upon the portrayal of women in Jose Saramago's novel *Baltasar and Blimunda*, observing the christian view concerning the role of women in society. Immersing in the historical context of the time frame of the middle ages we will seek to demonstrate how christian mentality exerted a strong influence on the position of women in society as opposed to the protagonist of the novel, Blimunda. Thereunto, we will approach the themes: religion, marriage, social role of women in the middle ages and the inquisition times through some assertions of the bible based on chapters of works and scientific articles of experts, researchers and historians such as Georges Duby, Burghard Baltrusch, Elizabeth Grosz, Guilhermina Mota, among others. We will make a synthesis throughout the paper showing that the religious as well as historical narrative always favors men, however, the life course of the character Blimunda counteracts such narrative through actions that go the other way of the female pattern of the time in which the novel *Baltasar and Blimunda* is set.

Keywords: Woman, Middle Ages, Transgression, Saramago, Blimunda.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. MULHER MEDIEVAL E RELIGIOSIDADE.....	8
1.1 A mulher e o viés cristão.....	11
1.2 Caça às bruxas.....	13
2. MULHER E MATRIMÔNIO	17
3. BLIMUNDA, TRANSGRESSÃO E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

A mulher foi colocada como um sujeito secundário na mentalidade ocidental, fazendo com que esta desempenhasse um papel de coadjuvante na História. Por meio de estudos e pesquisas do passado, podemos compreender as raízes de dominação que deram suporte às relações de hierarquia de gênero, e as marcas de resistência da trajetória feminina ao longo dos anos. Esses foram alguns dos motivos que nos impulsionaram a desenvolver o presente trabalho após a leitura de *Memorial do Convento* em 2017, obra indicada por uma das professoras da disciplina de Literatura Portuguesa do mesmo ano.

O desenvolvimento deste trabalho é uma síntese de estudos teóricos a princípio para a confecção de um Paper, mas que tomaram força e proporção através de leituras e pesquisas sobre a representatividade da mulher no contexto social em que se passa a obra *Memorial do Convento*. Na medida em que foram realizadas pesquisas sobre a temática da mulher no contexto medieval, o interesse aumentou adquirindo mais força através da leitura de outras obras de Saramago com enredos que também mostram a mulher como agente da ação por meio das personagens femininas, tais como: *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991).

Falando sobre o autor, José de Sousa Saramago foi um escritor nascido em uma família de camponeses em Azinhaga, ao sul de Portugal no ano de 1922. Ele teve uma trajetória literária bastante atrativa pelos diferentes gêneros que desenvolveu. De acordo com a biografia e autobiografia do autor no site da *Fundação José Saramago*, sua atividade como escritor iniciou-se em 1947 com o livro *Terra do Pecado* mesmo ano do nascimento de sua única filha, Violante. Atuou como crítico literário e jornalista passando a escrever no Diário de Notícias onde se mostrou adepto ao Socialismo por meio do conteúdo dos artigos que publicava neste jornal.

A partir de 1975 Saramago passa a viver de literatura, primeiro como tradutor, em seguida como autor, e em 1988 casou-se com a escritora Pilar del Río com quem permaneceu até o fim de seus dias. José Saramago foi criador de um dos universos literários mais consistentes do século XX, com um estilo próprio conquistou várias premiações, dentre eles, o *Prêmio Camões* em 1995 e o *Prêmio Nobel de Literatura* em 1998, falecendo em 2010 e deixando um grande legado literário.

Neste trabalho, composto por três capítulos, iremos mergulhar na visão em torno da mulher no período medieval, buscando compreender os motivos da visão negativa que lhe foi imputada, e como a interpretação teológica ligava a mulher a um ser que era usado pelo mal.

Teremos como base principal a obra de José Saramago *Memorial do Convento*, publicado pela primeira vez no ano de 1982, um romance com narrativa histórica e ficcional, que se passa durante o reinado de D. João V em Portugal e no período da Inquisição.

No desenvolvimento dos capítulos vamos trazer alguns trechos da obra para ilustrar o meio social medieval, buscando fazer uma análise, ora histórica, ora interpretativa sobre os personagens em suas ações. A obra tem como personagens principais: Blimunda que tem um dom especial de ver as coisas e as pessoas por dentro, o ex-soldado e maneta Baltasar Sete-Sóis, o padre Bartolomeu Lourenço, a rainha D. Maria Ana Josefa e o rei de Portugal D. João V. O enredo aborda a construção do convento em Maфра como pagamento da promessa do rei para conceber um herdeiro; o projeto e construção da passarola¹ idealizada pelo padre Bartolomeu Lourenço e o grande amor entre o casal Baltasar e Blimunda.

Inicialmente iremos discorrer sobre o papel da mulher na sociedade medieval, ilustrando como o pensamento religioso e o pensamento filosófico impactaram na construção do “ser feminino”, este último de forma muito sucinta, bem como sua imagem vista pela sociedade e pela Igreja em consonância com o matrimônio. Com isso, abordaremos como José Saramago mostra em sua obra a mulher como agente da ação e não como coadjuvante através da personagem feminina Blimunda em contraste com a rainha D. Maria Ana Josefa no contexto da sociedade medieval.

Como base para este trabalho, traremos fragmentos da obra *Idade Média, Idade dos Homens* do historiador e especialista medieval Georges Duby, artigos e pesquisas científicas do estudioso em José Saramago, Burghard Baltrusch e outros, bem como a visão filosófica da teórica feminista Elisabeth Grosz. Em seguida, iremos contextualizar a mulher no período histórico em que se passa o enredo do *Memorial do Convento*, mostrando os conflitos vivenciados pelas mulheres na Idade Média, passando pelo período da Inquisição e situando a mulher no matrimônio.

Por fim, faremos uma análise da personagem Blimunda refletindo sobre a percepção do autor José Saramago em torno da mulher, como a mentalidade cristã e seus desdobramentos tiveram influência na posição dela na sociedade e em seu íntimo, observando como a mulher é vista pela História, como se interpreta o comportamento e ação do feminino, partindo não daquilo que temos como referencial, mas através do olhar de Saramago na obra, um homem de muito senso crítico que sempre pensou o passado tentando compreender o que se passa no presente.

¹ **Passarola:** Ave grande. Denominação que se deu ao balão inventado pelo padre Bartolomeu de Gusmão.

1. MULHER MEDIEVAL E RELIGIOSIDADE

Durante séculos a mulher foi vista como “algo” que o homem impunha seu poder, portanto foi subjugada nas sociedades patriarcais, e isto podemos verificar tanto na sociedade ocidental como nas de modelo eurocêntrico em geral. Pensando na desigualdade entre os sexos na Idade Média veremos que não é algo recente, ela se dá desde quando as sociedades tornaram-se organizadas em formas de hierarquias, sustentadas pela misoginia ao longo dos anos.

Dada a relação da mente com a masculinidade e do corpo com a feminilidade e dada a autocompreensão da filosofia como empreendimento conceitual, segue-se que mulheres e feminilidade são problematizadas como sujeitos filosóficos cognoscentes e objetos epistêmicos cognoscíveis (GROSZ, 2015, p.51).

Seguindo com essa linha de pensamento de Grosz, vemos que o período medieval herdou da doutrina da filosofia aristotélica que a mulher seria um homem incompleto e imperfeito, portanto biologicamente inferior, uniu-se a esse mesmo ideal da concepção moral de inferioridade feminina padres e teólogos da Idade Média, ou seja, a Igreja tomou para si esse ideal em conjunto com o pensamento bíblico como veremos mais adiante. Sendo assim:

O pensamento misógino frequentemente encontrou uma auto justificativa conveniente para a posição secundária das mulheres ao contê-las no interior de corpos que são representados, até construídos, como frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis, sujeitos a várias instruções que estão fora do controle consciente (ibid., p.63).

Logo, a peculiaridade biológica do corpo feminino é usada para explicar e justificar a “desigualdade” entre os dois sexos uma vez que presumidamente o corpo feminino é mais fraco, mais exposto, enfim, o corpo feminino é mais imprevisível por conta do fator concepção.

No Ensaio acadêmico *Damas & Bruxas*, Gomes e Penteados evidenciam que uma das principais preocupações no início da Idade Média era manter as mulheres virgens e afastá-las do clero, pois além de serem consideradas como inferiores biologicamente, também eram consideradas figuras de luxúria e provedoras de tentação para os homens em geral. Como podemos observar no relato de um monge citado neste mesmo Ensaio:

O diabo da luxúria tomou a forma de uma moça etíope que eu quando moço costumava observar nos momentos em que se curvava para colher cana no

verão. E ela então se aproximou, sentou-se no meu colo e me pôs a arder em tanta luxúria que imaginei estar copulando com ela, e meu coração ficou em chamas (LINK, 1998, p. 63 apud GOMES e PENTEADO).

No mundo judaico-cristão as mulheres representavam a tentação e o pecado. “O corpo da mulher era a fonte dos pecados da carne. E, por isso, a sua sexualidade não deveria ser explorada, tanto mais que estando o sexo associado às Trevas, a mulher deveria fazer abstinência para que a Luz vencesse” (BROWN, 1990 apud MARTINS, 2013).

A Bíblia menciona alguns trechos sobre essa característica da mulher em ser provedora da tentação e do pecado, como este a seguir sobre a Tentação de Eva e a queda de Adão: “E vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela.” (GÊNESIS 3: 6). O homem de acordo com esse pensamento, mesmo considerado “superior” cai nas tentações da mulher e ela por conta disso é condenada por Deus a uma vida de subserviência ao homem.

Uma outra questão que não será aprofundada neste trabalho, mas que também propiciou à mulher este lugar de margem nesse recorte temporal foi à prostituição, pois as prostitutas infringiam um dos tabus mais importantes e controlados pela Igreja naquele tempo, a fornicção. Nesse sentido, serviam como intermédio às fraquezas da carne de homens comuns bem como dos homens do clero, tornando-as marginalizadas na sociedade.

No meio social veremos que as diferenças entre homens e mulheres dentro da sociedade medieval sempre foram mais fortes do que as diferenças de sexo, pois existiam regras estabelecidas para o desempenho de papéis de cada gênero dentro da sociedade, conforme trecho a seguir:

Aos preceitos do código genético individual acrescentam-se, portanto, os de um código de comportamento coletivo, de um conjunto de regras que aspiram a ser igualmente inquebráveis e que pretendem definir antes de tudo o estatuto respectivo do masculino e do feminino, repartir entre os dois sexos o poder e as funções [...] (DUBY, 2011, p.10).

Logo, homens e mulheres já tinham uma função predestinada conforme seu gênero, e a repartição de poderes e funções sempre pôs a mulher em segundo plano. “Na sociedade medievla ninguém põe em dúvida que a sujeição do feminino ao masculino seja um facto da natureza, de acordo com a ordem do mundo” (DUBY, 1998, p.237 apud FREITAS, 2004, p.4). Temos aí posto, a questão da sujeição da mulher e a compreensão do ensinamento regrado da obediência e submissão que as impediam de serem audazes e questionadoras.

A educação das mulheres nesse sentido era limitada a fazeres domésticos tais como: cozinhar, bordar, tecer, pintar, entre outros. Portanto, não havia possibilidade de aprender a ler e escrever, isso era algo que apenas algumas mulheres da nobreza tinham acesso, por isso a maioria dos registros desta época foram escritos por homens a partir do seu ponto de vista. Baltrusch citando Saramago vai evidenciar que:

[...] a História sempre foi escrita pelos vencedores porque uma História escrita pelos vencidos seria completamente diferente. E mais, a História é escrita de um ponto de vista masculino, se fosse de um ponto de vista feminino também seria completamente diferente (Saramago e Céu e Silva, 367 apud BALTRUSCH, 2012, p.6).

O que nos leva a refletir em como teria sido a História do ponto de vista da mulher. E, é nesse sentido que observamos a intenção de Saramago no *Memorial do Convento*, pois ele traz ao leitor um tom sublime ao feminino por meio da personagem Blimunda, mas isso é algo que deixaremos para o capítulo final. Voltemos para a mulher na sociedade medieval.

Por meio da leitura de vários artigos científicos referenciados no final deste trabalho, observamos que as mulheres do período que estamos abordando eram donas de casa, poucas exerceram alguma atividade fora do lar, ao lado do marido ou sem ele, quando viúvas, por exemplo. A mulher nobre na Idade Média servia na maioria das vezes para a união entre famílias e garantia de amizades através do casamento como veremos no próximo capítulo. Por ser da nobreza exercia certa autoridade sobre as demais mulheres, pois quando o homem nobre estava ausente do castelo, por exemplo, ela tomava posse do lugar exercendo algum tipo de autoridade.

A mulher camponesa na Idade Média desempenhava o papel de cuidar das crianças, ajudava a cultivar as terras no trabalho feudal, logo eram mulheres que trabalhavam bastante em casa e no campo. Muitas não seguiam os rituais da Igreja Católica, cultuando a terra e divindades pagãs.

Existiam também as mulheres guerreiras que eram admiradas pela sociedade, dentre essas mulheres temos a guerreira Joana D'arc, como um exemplo. No entanto, mesmo essas mulheres sendo figuras que despertavam admiração, foram menosprezadas e perseguidas, pois na mentalidade da sociedade medieval apenas o homem estava destinado a tal condição. A guerra era algo de âmbito masculino no medievo, mas existiram mulheres que agiram por conta própria devido ao estado de guerra constante daquele tempo para defender suas terras na ausência dos esposos, vários cronistas e historiadores como Duby, por exemplo, relatam os feitos dessas damas nada frágeis.

Ao verificarmos conhecimentos relativos às várias áreas do saber, veremos que os “grandes” são sempre homens, que as grandes batalhas, contribuições e mudanças são feitas por eles. A mulher, muito raramente, se torna um ser histórico e grandioso dentro dessa perspectiva, ela, desde o início dos tempos, esteve presente, mas sempre em posição secundária e, portanto desvalorizada. No entanto, durante o período que compreende os séculos XI e XII, circularam um conjunto de textos sobre cuidados da saúde feminina, chamados de Trotula, que exerceram uma grande contribuição para as mulheres.

Esses textos médicos, que versavam sobre os cuidados da saúde da mulher, foram traduzidos para várias línguas da época e foram popularizados. A autoria desses tratados no tempo, foi atribuída a Trotula de Salerno, uma mulher que tinha a reputação de ser especialista nessas questões. Ela direcionava tais registros às mulheres, no sentido de auxiliá-las no conhecimento e prevenção de suas enfermidades. Todavia, no século XVI quando ocorre à primeira edição impressa dos tratados de Trotula ela logo passa de uma existência histórica a lendária, pois, segundo Pinho e Brochado, os escritores renascentistas e historiadores da medicina questionam a autoria dos manuscritos, ou seja, questionam a atribuição da autoria a uma mulher do século XI/ XII por desacreditarem que uma mulher tivesse nível intelectual para escrevê-los (GREEN, 2013, p.11-12 apud PINHO e BROCHADO, 2018, p. 64).

Enfim, percebemos que pouco se sabe sobre as mulheres na Idade Média tendo em vista que quase toda a documentação daquela época, como já dissemos, era escrita por meio do olhar masculino. Nesse recorte temporal, as “vozes” femininas que surgiram como Trotula foram silenciadas por muito tempo pela discriminação e incredulidade. Diante de tudo que vimos, fica evidenciado que essa desvalorização em torno da mulher se deu em grande parte ao forte apelo religioso do tempo.

1.1 A mulher e o viés cristão

Voltando nosso olhar para a religião cristã, veremos logo no primeiro capítulo da Bíblia o pensamento de Deus nos ajudando a compreender que, desde o início dos tempos, homem e mulher existem no mundo e partilham dele com diferentes finalidades e necessidades, em que um complementa o outro. “Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele” (GÊNESIS 2:18, p.4).

Nesse sentido, a mentalidade histórica vai se ligar à mentalidade religiosa, Deus, primeiro criou o homem, e só depois criará a mulher, ou seja, Deus quis dois sexos diferentes: “Então o Senhor Deus adormeceu profundamente o homem; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas [...] Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem” (GÊNESIS 2:21-22, p.4). Observamos então que após a criação do homem, Deus percebe que ele necessita de alguém, uma “auxiliar” criando este ser a partir do homem. Logo, segundo a Bíblia que é usada como base do cristianismo, o corpo feminino é de formação secundária.

Na visão cristã, o mundo se divide em dois gêneros, masculino e feminino. O sexo feminino por sua aparente fragilidade física é sempre considerado o elo mais fraco, e portanto, inferior. Estas características, como vimos até agora, remontam aos primórdios da religiosidade cristã, e contribuem decisivamente para a propagação do pensamento patriarcal que perdura até os dias de hoje.

A instituição Igreja exerceu uma importante influência e foi dela a força que proveu a cristandade da Idade Média controlando tudo dentro da sociedade, principalmente o desenvolvimento moral, ou seja, era ela quem regia a vida das populações desse tempo, como é possível observar nesse versículo extraído da Bíblia da carta de S. Paulo a Timóteo, falando sobre as mulheres viúvas: “Quero, pois que as que são moças se casem, gerem filhos, governem a casa, e não deem ocasião ao adversário de maldizer. Porque já algumas se desviaram, indo após Satanás” (I A TIMÓTEO 5: 14-15. p. 234).

Saramago também mostra dentro da obra a influência da Igreja no comportamento do casal real na realização do ato sexual, por exemplo: “Mas nem a persistência do rei, que, salvo dificuldade canônica ou impedimento fisiológico, duas vezes por semana cumpre vigorosamente o seu dever real e conjugal [...]” (SARAMAGO, 2000, p.11).

Na Bíblia, as principais representações femininas são Eva, a mulher que trouxe o pecado ao mundo, e Maria, a mulher que trouxe a salvação de todos os pecados da humanidade através de Jesus Cristo. “A Igreja medieva procura identificar Eva com as mulheres e Maria com o ideal de perfeição a alcançar. Verifica-se, assim, uma transferência de conceitos de ordem teológica para o social” (MOTA Ribeiro, 2000 apud MARTINS, 2013). Embora Maria seja uma figura que signifique divindade, modelo de ideal feminino nos moldes da Igreja cristã, seu modelo é posto através da obediência e silêncio, logo, sua figura não causou redenção no que se refere à posição das mulheres na sociedade, pois tais qualidades significam resignação.

Nesse universo de religiosidade, há também uma terceira presença feminina que é Lilith, ainda que não exista menção a ela na Bíblia cristã. Mas, vale ressaltarmos a Lilith por sua ligação com Adão, Eva e o destino da humanidade no tocante a condenação da mulher e no sentido de transgressão feminina.

Existem versões variadas sobre o mito de Lilith, porém iremos utilizar a que consta nos textos de sabedoria rabínica. Nesses textos, Lilith foi à primeira mulher de Adão, porém ela não nasceu da costela do homem como Eva na Bíblia. Lilith foi feita do pó tal qual Adão, mas na sua criação Deus usou sujeiras e não pó puro. Deus a criou após Adão junto aos répteis e demônios no sexto dia. A ruptura do equilíbrio entre ela e Adão não foi ocasionada por meio do fruto proibido como vimos em Gênesis, mas pela negação de Lilith em ter o ato sexual pelas “costas”. Por causa de sua recusa, ela é transformada em um demônio, símbolo do pecado, rebeldia e astúcia, Lilith foi à serpente que enganou Eva e a fez comer o fruto proibido. Então, assim como Eva, ela também foi condenada e seu destino refletiu nas demais mulheres de forma negativa (SICUTERI, 1984, p.28 apud MIKOSZ, 2007, p.144).

A visão cristã em torno da mulher como um ser “auxiliar” e secundário, primeiramente em Eva, e depois em Maria, deu fundamentos a sua posição dentro da sociedade, na religião e na sua forma de pensar ao longo do tempo. Por causa do “pecado” de Eva, sua imagem representada como uma mulher que seduz desencadeou essa simbologia da tentação e por sua vez, de uma representação feminina negativa. Foi através de Eva que Deus lançou castigos como a submissão, dores no parto e menstruação ao ser feminino. “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido e ele te dominará” (GÊNESIS 3; 16).

Em consonância a tudo que vimos nesse capítulo, a mulher era considerada um ser que ameaçava o homem por meio da sedução, logo eram apresentadas como armadilhas do demônio que conduziam o homem ao pecado, portanto merecedoras de toda desconfiança possível, desconfiança essa que serviu de suporte no período inquisitório na Idade Média.

1.2 Caça às bruxas

A feiticeira não deixará viver.
Êxodo 22;18.

Houve um período na história em que a religião cristã estabeleceu uma verdadeira caça às bruxas. Com as Cruzadas, a fé cristã ganhou proporções, e com o início do Santo Ofício, a

inquisição ganhou poderes ilimitados para prender e punir os acusados por heresia. Como já mencionamos anteriormente, o cristianismo temia as mulheres por associarem elas à tentação e ao pecado, logo elas foram alvo constante de perseguição através da História, principalmente pela religião cristã. Para a Igreja, as mulheres possuíam uma natureza má, tendo em vista que descendiam de Eva, a mulher que levou o homem, Adão, a perdição da humanidade.

Na Idade Média, muitas mulheres se ocupavam do cuidado e da cura do corpo por meio de saberes tradicionais que eram passados de mãe para filha com a utilização de ervas e prática de ritos, conforme constatamos neste fragmento do artigo *Bruxas, Mito ou Realidade: A Educação Feminina no Período Medieval*:

Ao analisarmos o contexto histórico da Idade Média, vemos que bruxas eram as parteiras, as enfermeiras e as assistentes. Conheciam e entendiam sobre o emprego de plantas medicinais para curar enfermidades e epidemias nas comunidades em que viviam e, conseqüentemente, eram portadoras de um elevado poder social. Estas mulheres eram, muitas vezes, a única possibilidade de atendimento médico para mulheres e pessoas pobres. Elas foram por um longo período médicas sem título. Aprendiam o ofício umas com as outras e passavam esse conhecimento para suas filhas, vizinhas e amigas (ANGELIM, R. 2005 apud TEIXEIRA, C.C.S.; BEZERRA, L.M.A. 2017, p.41).

As parteiras, mulheres que curavam e as sábias, eram conhecidas também como bruxas e sofreram duras penas pela inquisição cristã. Essas mulheres que foram estigmatizadas como bruxas ou feiticeiras tinham como punição o convento, serem açoitadas, degredadas, enterradas ou queimadas vivas como foi o caso da mãe da personagem Blimunda, que foi condenada pelo Santo Ofício. Vejamos um trecho da obra onde a mãe de Blimunda fala sobre sua condenação:

[...] e esta sou eu, Sebastiana Maria de Jesus, um quarto de cristã-nova, que tenho visões e revelações, mas disseram-me no tribunal que era fingimento, que ouço vozes do céu, mas explicaram-me que era efeito demoníaco [...], aqui vou blasfema, herética, temerária, amordaçada para que não ouçam as temeridades, as heresias e as blasfêmias, condenada [...] (SARAMAGO, 2000, p.50-51).

A Inquisição teve início em meados do século XII/ XIII e durou até o século XVIII com a perseguição das pessoas suspeitas de crenças e práticas que eram consideradas opostas às praticadas pela Igreja Católica. Conforme mencionamos no parágrafo anterior, parteiras e curandeiras, que curavam e exerciam um papel de cuidados com a saúde neste período foram

perseguidas como praticantes de feitiçaria bem como mulheres que se desviavam dos moldes da Igreja.

As acusações de bruxaria, na maioria das vezes, não eram feitas por acaso. Frequentemente, as acusadas conheciam as propriedades curativas das plantas e desempenhavam algum tipo de atividade na comunidade rural onde residiam. Possuidoras dessa *sabedoria oral da medicina empírica*, as mulheres, sobretudo as mais velhas e pobres, além de saber os segredos da cura também eram suspeitas de conhecer as receitas para enfeitiçar (GEVEHR e SOUZA, 2014, p. 120).

Vale resgatarmos neste momento a figura de Trotula, que referenciamos no início deste capítulo, e ressaltarmos que ela não se encaixa nesse perfil de mulheres que foram perseguidas durante o Santo Ofício pela prática da cura. No livro *Vozes de Mulheres na Idade Média*, Pinho e Brochado autoras do capítulo *Trotula e a medicina das mulheres*, evidenciam que ela, de acordo com a tradição medieval, é uma “personagem” intrigante e que teria sido esposa e mãe de ilustres médicos e tratadistas salernitanos. Logo, não sofreu perseguições pela prática da medicina, como as curandeiras e parteiras do medievo, ela teve a autoria dos seus registros médicos silenciados por uma questão de desvalorização do feminino no tempo, todavia, esse é um tema que não vamos tratar, portanto voltemos à questão religiosa.

Durante esse período, a mulher foi bastante perseguida, vale evidenciarmos mesmo que de forma sucinta a obra *Malleus Maleficarum*, escrito por dois padres inquisidores Henrich Kramer e James Sprenger por volta de 1468. Neste documento que se constitui em um manual de caça às bruxas, se apresentam práticas individuais e coletivas que vão ao encontro dos dogmas da doutrina Católica. *Malleus Maleficarum* mostra a figura feminina como ameaça, a referência bíblica de Eva acompanhava a mulher na medida em que trazia um estigma ao ser feminino, fazendo um elo com a queda de Adão, repleta de textos misóginos como podemos confirmar nesta afirmação do padre inquisidor Sprenger e um dos autores do *Malleus*: “Se hoje queimamos as bruxas é por causa do seu sexo feminino” (FREIRE e SOBRINHO, 2006, p.53; 55).

De modo paradoxal, veremos uma Igreja que por um lado desconfiava da mulher, e por outro lado venerava. A primeira por fazer um elo do ser feminino à figura de Eva, aquela que trouxe o pecado ao mundo, e a segunda em virtude da Virgem Maria que concebeu sem pecado, símbolo da obediência e do silêncio, portanto sem defeitos. Logo, entendemos que tais características de divindade atribuídas a Maria, ainda deixam a mulher em um lugar secundário e subalterno. Portanto, controlada pelos homens, que temiam perder seu poderio,

já que as mulheres “bruxas e feiticeiras” eram dotadas de certo poder, como o da cura e da morte por meio de ervas, o que inferia nos homens e na Igreja uma situação de risco.

A escritora e ativista feminista Silvia Federici, em uma entrevista realizada em abril de 2015, para lançamento de um dos seus livros, quando questionada sobre o motivo da caça às bruxas respondeu que: “a caçada às bruxas foram instrumentais na construção da ordem patriarcal em que corpos de mulheres, seu trabalho e seus poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o controle do Estado [...]”. Para Federici, os caçadores de bruxas estavam mais interessados em punir alguma determinada transgressão do que em eliminar as formas generalizadas do comportamento feminino, que para eles não era mais passível de tolerância, logo deveriam ser abomináveis aos olhos da população. Ou seja, uma questão de controle, o Estado, no sentido figurado da fala de Federici, é o homem que sente a necessidade de controlar e moralizar a mulher para não perder seu comando.

Diante de tudo que vimos, percebemos que o período da Santa Inquisição foi um período bastante cruel e que perseguiu um número bem maior de mulheres do que de homens. Segundo historiadores, bastava uma pessoa considerada idônea acusar outra, para que o processo inquisitório fosse instaurado. Sabendo disso, observamos como Saramago soube proteger a personagem Blimunda deste mal que era realizado em nome de um “bem”. Blimunda com todo o seu poder especial arriscava-se muito, corria o risco de ter o mesmo destino de sua mãe ou ter uma morte muito cruel por meio da Inquisição. Este fragmento da obra a seguir mostra o pai e a mãe de Baltasar interpelando Blimunda de modo inquisitivo.

[...] e por que é que a sua mãe foi degredada, Porque a denunciaram ao Santo Ofício, Pai, Blimunda não é judia nem cristã nova, isto do Santo Ofício, do cárcere e do degredo foi coisas de visões que a mãe dela dizia que tinha, e revelações, e que também ouvia vozes, Não há mulher nenhuma que não tenha visões e revelações [...] para isso não é preciso ser feiticeira [...], Também tens visões, Só as que todas as mulheres têm (...), Juras então que não és judia nem és cristã nova, Juro [...] (SARAMAGO, 2000, p. 101).

Os riscos superados por Blimunda deixam uma perspectiva instigante no leitor, no sentido dela ser uma sobrevivente de um contexto que é completamente desfavorável à mulher na diegese do *Memorial do Convento*, que é o século XVIII. Nesse sentido, a personagem torna-se uma representatividade feminina que causa impacto e admiração, não apenas por ser uma sobrevivente de uma sociedade misógina e controladora, mas também no tocante a igualdade de papéis que há dentro da sua união com seu companheiro e amado, Baltasar Sete-Sóis.

2. MULHER E MATRIMÔNIO

No cristianismo é por meio do sacramento do matrimônio, e a sua visão atribuída ao divino que se funda a palavra de Deus, uma vez que, ele primeiro criou o homem e só depois criou a mulher para que ambos formassem uma só carne. Através do casamento, podemos compreender as regras sociais, políticas, econômicas e até mesmo a mentalidade pobre conferida a mulher dentro da sociedade medieval, e tal modelo continua muito presente nos dias de hoje, apesar das grandes mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Para as famílias, o casamento é antes de mais um contrato que sela a união de duas comunidades em que se comprometem interesses materiais longamente debatidos. Aos olhos da Igreja, o casamento é um sacramento e a vivência dele implica apenas os indivíduos, as pessoas em si (MOTA 2009, p. 103).

Isso explica os casamentos arranjados daquela época, em que a mulher não exercia poder de escolha, sua vontade era anulada. Ela era obrigada a selar união matrimonial pela autoridade maior da família, o pai, responsável por sua tutela. Logo, fica evidenciado também por meio do excerto acima, que para a Igreja o casamento servia apenas para a procriação e união de riqueza, já o amor, só aquele que está expresso nos dez mandamentos.

Conforme vimos no decorrer do capítulo anterior, o período medieval foi marcado pelo poderio masculino e sua superioridade. E não foi diferente no matrimônio, tendo em vista o papel que exerce o homem e a mulher dentro do casamento. Ao homem, o provedor, era incumbida a responsabilidade de cuidar do ser frágil, a mulher, a esta cabia ser submissa e fiel ao marido.

A mulher nesse contexto era incapaz de ser responsável por si mesma, por ser considerada naturalmente fraca, precisa estar subordinada a um homem. Portanto, a sua tutela que a princípio era do pai, o patriarca, em seguida era cedido através do matrimônio ao seu marido, e quando viúva ao filho mais velho ou irmãos.

No medievo, havia um controle rigoroso quanto às relações, a Igreja Católica tinha como uma de suas principais práticas o controle sexual de seus fiéis, o ato sexual tinha como principal função única e exclusivamente a continuação da linhagem e nunca o prazer. Sobre este ponto voltamos o olhar para a obra logo nas primeiras páginas quando o narrador fala:

Mas el-rei já se anunciou, e vem de espírito aceso, estimulado pela conjunção mística do dever carnal e da promessa que fez a Deus por intermédio e bons ofícios de frei António de S. José. Entraram com el-rei

dois camaristas que aliviaram das roupas supérfluas, e o mesmo faz a marquesa à rainha, de mulher para mulher [...] enfim lá se retiram os camaristas por uma porta, as damas por outra, e nas antecâmaras ficarão esperando que termine a função [...] (SARAMAGO, 2000, p.15).

O principal interesse dos casamentos aristocráticos, como esse do casal da realeza na obra, era a manutenção da linhagem, a linha de sucessão. A mulher deveria ser fértil, caso contrário poderia ser repudiada pelo marido e devolvida ao seu patriarca, fora isso, os casamentos realizados pela classe da nobreza eram cheios de pompa e regalias. Já os casamentos realizados pelos membros da classe menos abastada eram mais simples, todavia existia algo mais positivo, pois já havia permissão para o casamento por amor.

No mundo ocidental do medievo, o casamento monogâmico tinha a tendência de assegurar os direitos dos homens sobre a propriedade, e isso incluía a mulher. A família monogâmica permitia que apenas o homem fosse infiel ou repudiar a esposa, pois ser fiel era uma exigência no sentido de assegurar a paternidade dos filhos. A mulher no casamento, portanto, era destinada a um só homem, que a dominava fazendo-a ter uma vida casta (GEVEHR e SOUZA, 2014, p.114.)

Os homens possuíam todos os tipos de direitos e liberdades, à mulher nobre cabia-lhe obediência e fidelidade ao marido, caso descumprisse era condenada a pena de morte, o homem por sua vez tinha plena liberdade sexual, muitos possuíam concubinas, filhos bastardos e pouco se preocupavam com os “castigos” da Igreja ou com suas esposas como afirma o especialista medieval Georges Duby:

O campo da sexualidade masculina, nos limites da sexualidade lícita, não se restringe absolutamente ao quadro conjugal. A moral aceita, aquela que todos fingem respeitar, obriga evidentemente o marido a satisfazer-se apenas com sua esposa, mas não o força nem um pouco a evitar outras mulheres antes do casamento, durante o que é chamado no século XII de “juventude”, nem depois, na viuvez. Numerosos indícios atestam o vasto e ostensivo desenvolvimento do concubinato, dos amores ancilares e da prostituição, assim como a exaltação, no sistema de valores, das proezas da virilidade. Em contrapartida, para a moça, o que se exalta e o que toda uma teia de interditos procura cuidadosamente garantir é a virgindade e, no que diz respeito à esposa, a fidelidade (DUBY, 2011, p.17).

Fazendo uma correlação na obra entre os casais da nobreza e o casal Baltasar e Blimunda, veremos como suas vidas são direcionadas por motivos completamente distintos. Por um lado, a rainha D. Maria Ana Josefa exerce uma função de apenas satisfazer o rei e manter sua linhagem, por outro lado, o casal Baltasar e Blimunda tem toda uma motivação especial regida unicamente pela liberdade que o amor proporciona, a vontade própria de

querer estar juntos. Isso se explica quando Blimunda faz o seguinte questionamento a Baltasar no mesmo dia em que se conheceram após a condenação de sua mãe pelo Santo Ofício:

E agora, Se não tens onde viver melhor, fica aqui [...], Se ficar onde durmo, Comigo. Deitaram-se. Blimunda era virgem. [...] Correu algum sangue sobre a esteira. Com as pontas dos dedos médio e indicador humedecidos nele, Blimunda persignou-se e fez uma cruz no peito de Baltasar, sobre o coração. Estavam ambos nus (SARAMAGO, 2000, p.55).

Outra passagem relevante referente à união de Blimunda e Baltasar é quando o padre Bartolomeu declara para ambos: “Tu és Sete-Sóis porque vês às claras, tu serás Sete-Luas porque vês às escuras [...]” (SARAMAGO, 2000, p. 88). E o “casamento” de ambos aconteceu por meio dessa declaração simbólica do padre Bartolomeu Lourenço. Gesto esse que volta a ser mencionado por Baltasar ao ser interpelado por seus pais quanto à relação dele com Blimunda, pois o mesmo alega ter sido casado pelo padre Bartolomeu.

Percebemos que o casamento não oficial de Blimunda e Baltasar possui uma força mais significativa e real do que o do rei D. João V e D. Maria Ana Josefa, tendo em vista que neste último casal, o real, não existe amor, não há desejo nem vontade. Apesar de não ter sido algo oficial, por meio da união de Blimunda e Baltasar, percebemos como Saramago promove uma crítica ao casamento por conveniências, regado a regras religiosas e convenções sociais que ainda existem nos dias atuais.

E, também observamos essa crítica no tocante à anulação da mulher dentro do casamento, pois a rainha D. Maria Ana Josefa tem uma transgressão onírica. Em outras palavras, sua transgressão ocorre apenas nos sonhos, ela não age conforme sua vontade por ter seu desejo anulado pelo matrimônio. Já com Blimunda, essa transgressão ocorre na prática. A ação transgressora da personagem Blimunda vai totalmente de encontro a esses preceitos da união matrimonial, pois ela se une a um homem por vontade própria, algo completamente oposto ao matrimônio do casal D. João V e D. Maria Ana Josefa.

3. BLIMUNDA, TRANSGRESSÃO E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA

A personagem principal da obra, Blimunda, é filha de uma condenada pelo Santo Ofício, e é justamente durante a condenação de sua mãe que ela conhece Baltasar. A partir deste momento, Saramago mostra o diferencial dessa personagem feminina como agente da ação. Pois, mesmo sem conhecer Baltasar, leva-o para morar com ela sem pensar em

convenções sociais, religiosas, atitude essa extremamente transgressora e revolucionária para o período histórico que se passa o *Memorial do Convento*.

Blimunda é uma personagem feminina misteriosa e “poderosa” que desencadeia a ação agindo com Baltasar e o padre Bartolomeu Lourenço para realizar o sonho de voar a passarola. De modo totalmente contrário à rainha D. Maria Ana Josefa, Blimunda é ativa, é uma mulher de força e de opiniões e que tem um poder só dela, que é ver os outros (as coisas) por dentro.

Sendo assim, ela não se resume apenas em ser o objeto de desejo de Baltasar, ela é também ativa nesse desejo, e desperta nele sensações que o cativam e lhe causam admiração, por sua personalidade livre de moralismos e preconceitos, como nesse diálogo entre os dois a seguir:

Sempre ouvi dizer que os santos são necessários à nossa salvação, Eles não se salvaram, Quem te disse tal, É o que sinto dentro de mim, Que sentes tu dentro de ti, Que ninguém se salva, que ninguém se perde, É pecado pensar assim, O pecado não existe, só existe morte e vida [...] (SARAMAGO, 2000, p.322).

Fica evidenciado que Baltasar questiona Blimunda, mas no fundo ele sente admiração pelos pensamentos originais dela, mesmo sem compreendê-los, ele aceita sem fazer juízo de valores.

Por vontade própria Blimunda se recusa a ver Baltasar “por dentro” e, só no fim, quebrará o seu juramento, evitando saber qualquer existência de doença mortal nele, aceitando-o incondicionalmente, demonstrando nesse sentido um amor puro e verdadeiro. Embora em momento algum ao longo da obra seja feita alguma referência a palavra amor. Esta é a grande verdade deste casal, um é do outro através do corpo, alma e vontade, sobretudo da vontade própria, porque se escolhem, porque se querem, sem levar em conta regras e convenções sociais.

Para evidenciarmos a questão levantada no primeiro parágrafo, sobre a intenção de Saramago em exibir na obra uma mulher que é agente da ação como representação feminina, empoderada² e forte, veremos uma passagem de *Memorial do Convento*, em que Manuel Milho conta a história de uma rainha a seus companheiros de estrada, dentre eles Baltasar Sete-Sóis, no trajeto da grande pedra de Pêro Pinheiro a Mafra. Nessa história, ele fala sobre

² **Empoderada:** É uma mulher que se liberta das formas sociais e que ousa ser aquilo que quiser, pois não se restringe aos padrões que a sociedade impõe.

uma rainha diferente das outras e um ermitão, pois ela é questionadora, como veremos no excerto a seguir:

[...] ninguém pode ser não sendo, homem e mulher não existem, só existe o que forem e a rebelião contra o que são, e a rainha declarou, eu rebelo-me contra o que sou [...] se é mulher que queres ser, deixa de ser rainha, o resto saberá depois, e ela, se queres ser homem, por que continuas ermitão [...] (SARAMAGO, 2000. p. 246).

Por meio dessa declaração da rainha nesta história de Manuel Milho, fica evidente o tom libertário que o autor dá a mulher no tocante ao enfrentamento de um mundo de submissão e imposições. Um pouco mais à frente na mesma página da obra, Baltasar vai questionar:

Essa história não tem pés nem cabeça [...] Manuel Milho disse, Se no mundo houvesse um gigante tão grande que chegasse ao céu, dirias que os pés eram montanhas e a cabeça a estrela-da-manhã, para homem que declarou ter voado e ser igual a Deus, és muito desconfiado (ibid.: 246).

Através desse diálogo, no sentido figurado, observamos com o questionamento de Baltasar as normativas da sociedade medievla em conjunto com a voz do patriarcado, incrédulo com a narrativa transgressora de libertação da mulher.

E com isso, podemos inferir também que seja um convite para se fazer autocrítica, tendo em vista que Baltasar é um homem que já havia voado a passarola e que tomou uma mulher sem matrimônio, ou seja, um pedido para que todos, em especial os homens, se libertem de suas amarras religiosas e sociais que os impedem de enxergar além de si mesmos.

Esse é um dos traços paradigmáticos que encontramos no *Memorial do Convento*, pois é bem nítida a questão ideológica ligada a questões de gênero. Talvez, seja por esse motivo que o final da história de Manuel Milho fique em aberto, o final ficou a critério dos ouvintes, apenas o tempo revelará o que acontecerá, tendo em vista que a realidade faz parte de um processo de construção.

Assim como a rainha apresentada no “conto” de Manuel Milho, Blimunda também não se encaixa aos paradigmas enraizados em torno da mulher. Por isso, assim que Manuel Milho inicia o conto, Baltasar compara em seu íntimo essa rainha a Blimunda, pois ela não é como as demais mulheres do século XVIII. Ela não é indefesa, submissa, de atitudes previsíveis e características romanescas. Como podemos classificar indefesa, alguém que ao sofrer tentativa de estupro, por um frade, tem força para matá-lo e fugir?

Blimunda, na sua busca por Baltasar, é perseguida por um frade, e só comete o crime em legítima defesa, como podemos constatar na passagem a seguir:

O frade tateou os pés de Blimunda, afastou-lhe devagarinho as pernas, para um lado, para o outro, excita-o terrivelmente a imobilidade da mulher, porventura está acordada e lhe apetece o homem, já as saias foram atiradas para cima [...]. Empurrado pelas duas mãos, o espigão enterra-se entre as costelas, aflora por um instante o coração, depois continua o seu trajecto, há vinte anos que este ferro procurava esta segunda morte. O grito que começou a formar-se na garganta do frade mudou-se em estertor rouco, brevíssimo. Blimunda torceu o corpo, aterrada, não por ter matado, mas por sentir aquele peso, duas vezes esmagador (SARAMAGO, 2000, p. 335).

A busca incansável por seu amor e a resistência ao apedrejamento durante essa trajetória, mostram sua força na obra, a de uma mulher que consegue se destacar em um universo patriarcal, fugindo aos padrões de representação feminina da temporalidade que permeia a obra.

Percebemos também, que o amor entre Blimunda e Baltasar possui mais vivacidade através de ações do que de palavras (sentimentalismo), nos mostrando o quanto o agir é forte. Esse amor dentro da obra parece ser mais real que o do casal D. Maria Ana Josefa e D. João V, casal que realmente existiu e não são personagens fictícios. Saramago transmite algo tão verdadeiro, que eles parecem viver mais de Deus do que o casal da realeza. Vejamos a afirmação do próprio Saramago sobre a sua personagem e essa questão do amor entre Baltasar e Blimunda.

Essa senhora [Blimunda] fez-se a si própria. Nunca a projetei para ser assim ou assim... Foi no processo de escrita que a personagem se foi formando. E ela surge, surgiu-me, com uma força que a partir de certa altura me limitei a... acompanhar. Aquele sentimento pleno da personagem que se faz a si mesma é Blimunda. Mas, é curioso, só no fim me apercebi de que tinha escrito uma história de amor sem palavras de amor... Eles, o Baltasar e a Blimunda, não precisavam afinal de as dizer... E, no entanto, o leitor percebe que aquele é um amor de entranhas... Julgo que isso resulta da personagem feminina. É ela que impõe as regras do jogo... (SARAMAGO e AVILLEZ apud BALTRUSCH 2012, p.8).

Para corroborar com o ponto de vista até aqui apresentado, apresentaremos algumas das análises realizadas por BALTRUSCH (2012), estudioso e pesquisador das obras de José Saramago. Para ele, o casal Baltasar e Blimunda representa uma transgressão sociocultural, pois Blimunda é agente da ação, toma parte das decisões, tem participação e sabe da importância do seu trabalho para a construção da passarola.

Baltrusch ainda afirma, que vários estudos persistem na ideia de Blimunda ter sido inspirada em uma personagem real tendo em vista que os demais personagens principais da obra são reais e históricos, todavia não iremos considerar esse ponto de vista. Ele traz também uma interpretação sobre a questão da mitificação de Blimunda estar condicionada por uma visão androcêntrica e patriarcal, pois ela é mostrada na obra como uma mulher misteriosamente perfeita, de silêncio expressivo, beleza enigmática, olhos que mudam de cor, de sabedoria e poderes que vão além do sobrenatural e também por ela ser virgem.

Diante dessas perspectivas apresentadas por Baltrusch, outra interpretação que nos chamou atenção e que acreditamos, é a do paralelismo entre Blimunda e a figura da Virgem Maria. Essa interpretação da personagem evidencia o tom crítico que Saramago expõe com relação à Igreja Católica, aplicando projeções transgressoras aos seus personagens no *Memorial do Convento*. As características de Blimunda mencionadas no parágrafo anterior fazem alusão as de Maria, pelo fato da personagem também ser virgem, do seu silêncio, poder, perfeição e finalmente a “concepção” sem o ato carnal no final da obra, quando a vontade de Baltasar se une a Blimunda.

Outra interpretação das ações da personagem Blimunda que se referem à criticidade da fé Católica e não menos importante de ressaltarmos, é a heresia ao Sagrado, no tocante a ação de Blimunda de comer o pão em jejum para evitar suas visões. Baltrusch aponta que através dessa ação da personagem, Saramago faz uma alusão a Hóstia Sagrada, subvertendo com isso o sentido de comer o pão para evitar a cegueira dogmática religiosa. Com isso, podemos constatar a extrema crítica que é feita a fé do catolicismo nas entrelinhas da obra.

No decorrer do *Memorial do Convento*, veremos que os protagonistas não são aquelas figuras dos contos de fadas, nem aqueles de livros de terror, no entanto não deixamos de admirar e enxergar neles certo heroísmo. Através da transgressão social, cultural e religiosa, temos um homem e uma mulher que unem suas vontades em uma só. Eles lutam juntos para a concretização de um sonho que não era deles, mas passou a ser, que é voar na passarola. E, falar em passarola sem falar do Voador, o padre Bartolomeu Lourenço, será como deixar uma página em branco. Vejamos esse diálogo entre Baltasar e o padre Bartolomeu quando se conheceram:

[...] padre, porque foi que vos deram tal nome, perguntou Baltasar [...] Porque eu voei, e disse Baltasar, duvidoso, Com perdão da confiança, só os pássaros voam, e os anjos, e os homens quando sonham [...] Pois eu fiz dois anos que voei, primeiro fiz um balão que ardeu, depois construí outro que subiu até o tecto duma sala do paço, enfim outro que saiu por uma janela da Casa da Índia e ninguém tornou a ver, Mas voou em pessoa, ou só voaram os

balões, Voaram os balões, foi mesmo que ter voado eu, Voar balão não é voar homem, O homem primeiro tropeça, depois anda, depois corre, um dia voará, respondeu Bartolomeu Lourenço [...] (SARAMAGO, 2000, p. 60).

Ele também é uma figura transgressora na obra, haja vista que para um padre do período que estamos tratando ele está muito à frente de seu tempo. Além de culto, é questionador, curioso e, portanto, não é tão preso às amarras preconcebidas advindas do Clero. Sua curiosidade o fazia simpatizante da ciência, e como estudioso, foi ele o idealizador da passarola, dividindo com Baltasar e Blimunda o sonho de nela voar. Fazendo uma análise interpretativa, inferimos que “voar a passarola” no *Memorial do Convento*, evidencia o tom libertário de Saramago, no sentido de desprender-se das amarras sociais e religiosas que trazem males por cercar as pessoas com diferenças que vão desde a personalidade até os seus objetivos e desejos.

E nessa perspectiva, quando o sonho acabou com a destruição da passarola, com a loucura e morte do padre Bartolomeu, mas, especialmente, com o desaparecimento de Baltasar, Blimunda não desistiu, e durante nove anos o procurou. Depois de muito sofrimento em uma busca incansável por seu amado, e em uma linda passagem literária, temos o desfecho da obra muito marcante e repleta de sentimentos:

Encontrou-o. Seis vezes passara por Lisboa, esta era a sétima. São onze os suplicados. [...] Naquele extremo arde um homem a quem falta a mão esquerda. [...] Então Blimunda disse, Vem. Desprendeu-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e a Blimunda (ibid., 2000, p. 347).

A vontade de Baltasar não sobe para as estrelas, fica com Blimunda, ou seja, a esperança de um mundo livre e diferente permanecerá em terra, e essa vontade irá gerar novos sonhos e novas conquistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática das diferenças sexuais e a tentativa de compreender as suas razões é bastante atrativa, principalmente para compreendermos o motivo de certos comportamentos que regem a vida de muitas mulheres na contemporaneidade. Por isso, quando nos propomos a falar sobre este assunto, sabíamos que haveriam diversas interpretações e que poderíamos ter perspectivas e formas muito distintas de abordar a temática, pois existe um universo de perspectivas e conjunturas que podem ser explorados para compreender tais razões.

A presença do religioso neste trabalho foi algo marcante, e ele é muito explorado por vários pesquisadores, o que ajudou em nossa análise no decorrer dos capítulos. Constatamos então, que Saramago faz uso do tema religioso em suas obras, para promover reflexões em torno desse tema. Sendo assim, tivemos que imergir um pouco na sociedade ocidental que foi, desde o seu início, muito patriarcal e, em consequência disso, bem misógina para compreender de onde partiram tais fatos, pois, o poder do homem estendeu-se e ainda continua a se estender a todos os níveis: social, político, cultural, mental entre outros.

Nos alicerces desta civilização encontramos a mulher que está sempre em segundo plano, sempre à margem, a menos compreendida. Esta desvalorização da mulher ainda é mais realçada com a mentalidade cristã. Tentamos evidenciar ao longo do trabalho que a visão religiosa contribuiu para esta desvalorização.

Contudo, a liberdade de ação por parte da personagem Blimunda é bem explorada por Saramago, em contraposição à mulher anulada socialmente e sem poder de ação, como a rainha D. Maria Ana Josefa. Através das suas atitudes, percebemos que a personagem contribui para uma desconstrução dos estereótipos femininos mais conhecidos, contribuindo também para uma desconstrução da ideologia de diferença de gêneros: a dicotomia homem e mulher, em que um sempre é dominante e o outro dominado.

Através do referencial teórico que nos serviu como base, constatamos também que a voz narrativa no romance *Memorial do Convento* evoca um panorama ético-político e uma crítica a cultura ocidental como um todo. Saramago sugere por meio das ações dos personagens a necessidade de um processo revolucionário, evidenciando a ideia de um mundo possível sem distinções e amarras, sejam elas religiosas ou sociais.

José Saramago nos mostra na obra um ser maravilhoso, Blimunda, revestida de algo profano aos olhos da Igreja Católica e da sociedade, por meio da subversão de imagens sagradas como a da Virgem Maria e a do sacramento do matrimônio, entre outros. Tentamos também no decorrer do trabalho, nunca perder de vista que a interpretação oficial da História

do mundo ocidental, que tanto põe a mulher em um plano superficial, sofre uma reinterpretação por parte de Saramago, assim como acontece com a visão cristã deste mesmo mundo.

A representação da mulher por Saramago no contexto do *Memorial do Convento* desempenha outro papel histórico e religioso, especialmente quando se trata da união entre homem e mulher. A naturalidade e a forma espontânea do relacionamento de Blimunda e Baltasar nos conduzem a uma idealização da mulher como o ser do elo mais forte e não frágil como acontece na visão do referido período.

No decorrer dos capítulos constatamos que, o processo histórico na sociedade ao longo dos séculos secundarizou a mulher. Por isso, até hoje muitas ainda são silenciadas, ridicularizadas como é o caso das feministas na contemporaneidade, que apesar dos enormes avanços alcançados por meio de suas lutas para todas as mulheres, ainda sofrem escárnio, principalmente dos grupos cristãos e conservadores. A mulher do século XXI não sofre mais dos mesmos males que a mulher medieval, todavia ela ainda carrega traços que ainda estão vivos e enraizados socialmente. Essa mulher ainda está presa ao seu “corpo” como se a função biológica da concepção fosse seu papel principal no mundo.

Concluimos sustentando a ideia de que se faz necessário superarmos o medievo, pois só assim será possível evoluirmos como seres humanos. Essa sem dúvida deve ser a tarefa contemporânea de todos, o ato revolucionário que acreditamos ter sido evocado no pensamento literário de Saramago ao escrever tal obra prima intitulada de *Memorial do Convento*.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA, **Antigo e Novo Testamento**. Tradução: João Ferreira Almeida. 1º Ed. Editora Central Gospel. São Paulo, 2009.

BALTRUSCH, Burghard. **Mito e Imagologia Masculina: A Representação da Mulher no Memorial do Convento**. LBR - Luso-Brazilian Review, December 1, 2012 vol. 49, no. 2, p. 207-231.

BROCHADO, Cláudia C.; DEPLAGNE, Luciana C. **Trotula e a medicina das mulheres**. In: Vozes de Mulheres na Idade Média - João Pessoa: Editora UFPB, 2018. p.64-67.

DICIO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 26 ago. 2019.

DOCPLAYER. **Histórias de Bruxas: Uma entrevista com Silvia Federici**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/34807796-Historias-de-bruxas-uma-entrevista-com-silvia-federici>. Acesso em 12 ago. 2019.

DUBY, Georges. **Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios** / Georges Duby; tradução Jônatas Batista Neto — São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.10-17.

FREITAS, Judite G A. **O papel sociopolítico da mulher nos finais da Idade Média: Vida cortesã, matrimónio e ligações familiares**. Publicado em: Os instrumentos de igualdade de oportunidades em Portugal, (João Casqueira org.), Porto: Edições UFP, 2004, p. 13-23.

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO. **Autobiografia de José Saramago**. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/autobiografia-de-jose-saramago>. Acesso em: 09 ago. 2019.

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO. **Biografia de José Saramago**. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/biografia-jose-saramago/>. Acesso em: 09 ago. 2019.

GEVEHR, Daniel Luciano.; SOUZA, Vera Lúcia de. **As Mulheres e a Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas**. Publicado em: Revista Acadêmica Licencia&acturas · Ivoti · v. 2 · n. 1 · janeiro/junho, 2014.p. 113-121.

GOMES, Pedro A.; PENTEADO, Rachel. **Ensaio Acadêmico Damas & Bruxas**. A Mulher, a Inquisição e a Bruxaria na Baixa Idade Média. p. 1-16.

GROSZ, Elizabeth. **Corpos Reconfigurados**. In: Volatile bodies: Toward a corporeal feminism. Bloomington e Indianapolis, Indiana University Press, 1994, pp.3-24. (Tradução: Cecília Holtermann. Revisão: Adriana Piscitelli). Cadernos Pagu (14), 2000: p.45-86.

MARTINS, Alcina M. de O. (2013). **O corpo feminino na Idade Média: um lugar de tentações**. In, Braz, J. & Neves, M. (Orgs). O corpo-Memória e Identidade. p.103-116. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. ISBN: 978-989-8512-68-0.

MOTA, Guilhermina. **A Igreja, a Mulher e o Casamento no século XVIII**. In: Mulher, Espírito e Norma. São Cristovão dos Lafões, 2009. p.103-118.

PASTANA, Marcela. **Quem eram as mulheres queimadas na fogueira da Inquisição?** Disponível em: <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcela-pastana/quem-eram-as-mulheres-queimadas-nas-fogueiras-da-inquisicao>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**; romance / José Saramago – 25º ed.- Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000. p. 352.

TEIXEIRA, C C S.; BEZERRA, L M A. **Bruxas, Mito ou Realidade: A educação feminina no período Medieval**. Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia, Janeiro de 2017, vol.10, n.33, Supl 2. p. 37-46. ISSN 2317-0476.